

# INTER-LEGERE

---

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA  
Rodrigo Viana Sales

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA<sup>1</sup>

BACHELARDIAN DREAMLIKE CHILDHOOD

Rodrigo Viana Sales<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse texto trata da ideia de infância onírica inspirada em Gaston Bachelard, uma infância que permanece no ser e se atualiza por meio da imaginação ativa e do devaneio poético, promovendo uma articulação entre lembrança e imaginação nos nossos sonhos despertos. Tendo por meta dar visibilidade e refletir mais sobre a infância onírica bachelardiana, investiguei as abordagens deste fenômeno nos trabalhos do Grupo de Pesquisa Mythos-Logos orientados pela Professora Ana Laudelina Ferreira Gomes. Percebendo a recorrência da temática nos mais diferentes trabalhos, fiz uma pesquisa bibliográfica nos textos que contemplavam a categoria infância e percebi que ao ler aqueles trabalhos a minha própria infância onírica se ativava como em um ritual de leituras antropofágicas. Eu alimentava o meu ser infante com as narrativas e imagens daquelas infâncias, o que expandia ainda mais meus devaneios poéticos, experiência e reflexão com a temática, por isso resolvi compilar nesse artigo algumas repercussões que essas leituras me provocaram.

**Palavras-chave:** Infância Onírica. Bachelard. Devaneio Poético. e Leituras Antropofágicas.

---

1 Fragmentos da tese de doutorado *Educação infantil, infância onírica e o reencantamento do mundo* (2018), de minha autoria, defendida em 23 de março de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN), sob orientação da professora dr<sup>a</sup> Ana Laudelina Ferreira Gomes.

2 Professor de Sociologia da Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Norte. Doutor em Ciências Sociais.

# INTER-LEGERE

---

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

## ABSTRACT

This text deals with the idea of a dreamlike childhood inspired by Gaston Bachelard, a childhood that remains in being and is actualized through active imagination and poetic reverie, promoting an articulation between memory and imagination in our waking dreams. With the aim of giving visibility and reflecting more on Bachelardian dream-life, I investigated the approaches of this phenomenon in the work of the Mythos-Logos Research Group, directed by teacher Ana Laudelina Ferreira Gomes. Realizing the recurrence of the theme in the most different works, I did a bibliographical research in the texts that included the category of childhood and I realized that reading these works my own dreamlike childhood was activated as in a ritual of anthropophagic readings. I fed my infant with the narratives and images of those childhoods, which further expanded my poetic reveries, experience and reflection with the subject, so I decided to compile in this article some repercussions that these readings provoked me.

**Keywords:** Dreamlike Childhood. Bachelard. Poetic Daydream. and Anthropophagic Readings.

Iniciamos este texto meditando na canção/poema de Vinicius de Moraes (2018, s/p):

### A Casa

Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
Ninguém podia  
Entrar nela, não  
Porque na casa  
Não tinha chão

Ninguém podia  
Dormir na rede

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

Porque na casa  
Não tinha parede  
Ninguém podia  
Fazer pipi  
Porque penico  
Não tinha ali

Mas era feita  
Com muito esmero  
Na Rua dos Bobos  
Número Zero.

A canção infantil “A casa”, de Vinicius de Moraes, parece mais um sonho impossível, porque (su)a poesia ultrapassa os limites da realidade. Pois bem, é partindo dela que iniciamos a escrevedura e contação deste estudo. É bem verdade que a palavra “partindo” não expressa exatamente o que queremos dizer, mas seu antônimo, “chegando”. Então, foi chegando e ajudando a sonhar uma “casa” (eternamente inacabada) como essa, que se iniciou essa história. Na verdade, a nossa casa nem é bem uma casa, por isso peço licença para parafrasear o poetinha, como era carinhosamente conhecido, e dizer: “Era uma escola muito engraçada. Não tinha teto, não tinha nada. [...] Mas era feita com muito esmero, na rua dos Bobos número zero”.

No ano de 2012, ao entrar no PPGCS/UFRN, sob a orientação da professora dr<sup>a</sup> Ana Laudelina Ferreira Gomes, continuo os estudos *complexus* (ALMEIDA, 2012, 2013; MORIN, 2003, 2005, 2008, 2011), e agora me aventuro a conhecer o Bachelard noturno, da poesia, dos arquétipos e da fenomenologia da imaginação. Daí passo a participar dos encontros de orientação coletiva promovidos pela orientadora e, paulatinamente, a colaborar timidamente com a nossa casa/escola onírica.

Rubem Alves (2011) conta que, quando o navegador Amyr Klink foi questionado sobre qual “a escola que você desejaria para os seus filhos”, o navegante replicou: “Uma escola que há na Ilha Faroe, entre a Inglaterra e a Islândia. Lá as crianças aprendem tudo o que devem aprender construindo uma casa *viking*”. Segundo Alves, “para aprender uma coisa é preciso fazê-la. As crianças da Ilha Faroe aprendiam o que precisavam saber para viver construindo uma casa! Mas não será muito difícil

## INTER-LEGERE

---

### A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

construir uma casa? É difícil” (Ibid.), e complementa, “mas há um truque: a gente pode ‘imaginar’ a casa que a gente quer construir. Tudo o que a gente faz começa na imaginação” (Ibid.).

Assim, a professora Ana Laudelina começou esse sonho/casa/escola com outros orientandos em tempos idos, mas essa orientação coletiva e democrática que chamo de escola onírica, para mim, contribuiu decisivamente com uma nova forma de ver e viver o mundo. Há sonhos que intervêm no real mais que a realidade não sonhada. “Paulo Freire nos falava da ‘boniteza’ do sonho de ser professor de tantos jovens deste planeta. Se o sonho puder ser sonhado por muitos deixará de ser um sonho e se tornará realidade” (GADOTTI, 2003, p. 12). E é isso que as orientações coletivas vêm proporcionando, transformar dissertações, teses, estudos, trabalhos, intervenções sonhadas em realidade escrita, pensada, materializada e vivida. Não posso deixar de pontuar que, para além da escola sonhada, somos filiados ao grupo de pesquisa Mythos-Logos: Religião, Mito e Espiritualidade, do PPGCS/UFRN.

Sabemos que Paulo Freire, ao falar sobre a boniteza de ser professor (1996), sobre sonho como propulsor da mudança (1992) e até na dialogia que deve mediatizar o sujeito entre os demais e com o mundo (2004), fala, sobretudo, de um contexto social e político, mas aqui vamos além desse campo tão imprescindível abordado por ele. É com a afirmação de Alves que essa escola onírica se torna possível. A gente imagina a escola e os textos que queremos. Daí o filósofo sonhador Gaston Bachelard (2008, 2009), Gomes (2013a, 2013b, 2016a, 2016b, 2016c), Rodrigues (1999, 2008, 2013), entre tantos, vêm “fundamentar” nossa necessidade de devaneio poético, de transcender a realidade vivida por meio da nossa imaginação sonhadora. Mas isso só se faz possível porque nossa orientadora e meus caros colegas cultivam um ambiente onde ensinamos a razão, mas também a imaginação, como nos aconselhou o mestre Bachelard (2009).

Para mim, a estratégia de orientação coletiva, que permite leituras de textos seminiais escolhidos, principalmente a leitura das produções em andamento dos próprios membros do grupo, foi de suma importância para conhecer na prática o modelo de escola que defendo no decorrer deste texto. Escolas dialogais, que ensinem o saber e a poesia (Ibid.), que articulem a cultura humanística e a cultura científica, o *homo sapiens*

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

e o *homo demens* (MORIN, 2003, 2005), as faculdades racionais e imaginativas (WUNENBURGER, 2005).

Assim, posso afirmar com convicção que esse texto foi tecido de muitos fios, sugestões, provocações e acolhimento, elementos que ressignifiquei no meu labor e artesanato intelectual. Aqueles encontros foram regados de conversas saudáveis e prazerosas, leituras comprometidas, reflexões pertinentes e encantamentos poéticos. Por isso nossa escola imaginada e sonhada é tão engraçada, como a casa de Vinicius. Ela não existe fisicamente, teto, chão, paredes, penico, mas é feita com muito esmero, cumplicidade e corresponsabilidade<sup>3</sup>.

Sob os muros muito velhos da academia, podemos ser adjetivados de bobos (não enquadrados na ciência tradicional). Porém, se ser bobo é se abrir para a poesia como uma nova possibilidade mais sensível de entender o mundo, se é imaginar e sonhar, admito minha bobice com felicidade. Chamo-a de encantamento. Agradeço timidamente o adjetivo, pois assim como no poema, quando Manuel de Barros (2010) foi chamado de imbecil, sou fraco para elogios. Na ocasião, disse ele:

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro / Para mim poderoso é  
aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas) / Por essa  
pequena sentença me chamaram de imbecil / Fiquei emocionado e chorei /  
Sou fraco para elogios. (Ibid., p. 403).

## A INFÂNCIA ONÍRICA

Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho

Gaston Bachelard

---

3 Sobre a escola onírica, exporemos uma (re)leitura dos trabalhos do grupo que contribuíram diretamente com a tessitura do meu texto.

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

Ainda sob o tom das notas iniciais, meditemos<sup>4</sup> na canção “Travessuras” de Oswaldo Montenegro (1990):

Eu insisto em cantar  
Diferente do que ouvi  
Seja como for recomeçar  
Nada há, mais há de vir  
Me disseram que sonhar  
Era ingênuo, e daí?

Nossa geração não quer sonhar  
Pois que sonhe a que há de vir  
Eu preciso é te provar  
Que ainda sou o mesmo menino  
Que não dorme a planejar travessuras  
E fez do som da tua risada um hino.

Na canção, o sujeito é desmotivado a sonhar, o pensamento hegemônico de sua geração negligencia o sonho. Ainda assim, ele segue com uma esperança onírica, ainda que seja para as futuras gerações. Partimos do princípio de que nos nossos dias o sonho enquanto potência da imaginação e do irreal está sendo eclipsado pela razão. Ancorados em Max Weber (2009), é possível afirmar que esse processo de secularização e racionalização é consequência e provocador do que ele conceituou “desencantamento do mundo”<sup>5</sup>. Ideia que retomaremos no corpo do texto.

Contudo, o sujeito da canção insiste em provar para seu interlocutor que ainda é um menino que sonha, planejando travessuras e devaneando (poeticamente) com o som de sua risada. O devaneio poético em Bachelard (2009, p. 1) é um sonho desperto, é o

---

4 Na esteira de Bachelard, Batista (2016, p.190) nos relembra: “Na fenomenologia da imaginação a imagem é meditada, e não contemplada. O indivíduo age e é agido subjetivamente pela imagem”.

5 Para Pierucci (2013, p. 58), que escreveu um livro sobre esse conceito weberiano, o desencantamento do mundo “tem tudo a ver com o cálculo”, com o processo de racionalização e secularização do Ocidente. Pierucci comenta que, “das dezessete incidências do significante, em nove vem usado para significar desmagificação; em quatro, com o significado de perda do sentido; e nas quatro restantes ele vem com as duas acepções” (Ibid., p. 58).

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

maravilhamento diante de uma imagem poética<sup>6</sup>, que por sua vez, “pode ser um germe de um universo imaginado no devaneio de um poeta”. O devaneio bachelardiano “é uma fuga para fora do real [...] um devaneio que a poesia coloca uma boa inclinação” (Ibid., p. 5-6). “Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidade de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso” (Ibid., p. 8). É um devaneio cósmico e feliz. No devaneio poético “a poesia é fornecedora de uma consciência da imaginação criante” (EUSTÁQUIO, 2015, p. 100). É o sorriso na canção de Montenegro que se transmuta, expande e se valoriza em um maravilhoso hino.

Entretanto, o mais importante, em seu sonho desperto, o sujeito se (re)faz menino, ele encontra sua infância onírica que estava repousando nos jardins de sua alma. Batista (2015, p. 35), assim como Bachelard, nos ensina que a infância sonhada (ou onírica) “é vivenciada mediante o devaneio poético, que se diferencia da experiência memorialística, a qual possibilita apenas uma experimentação reprodutiva da imagem”. Em sua imaginação ativa, essa infância possibilita uma atualização da infância do ser, de maneira que as lembranças e os sonhos trabalham mutuamente em favor dos devaneios poéticos do infante, dando um caráter surreal ao sonhado. É essa infância onírica que pode ser vivida em qualquer idade e sublima nossa memória e imaginação, bagunçando o começo e o fim de cada uma, nos colocando em estado de alma petiza, aberta ao espanto, ao fabuloso, e teimosa à domesticação imposta pela racionalidade ligada à vida madura em nossa sociedade, que se torna a protagonista neste estudo.

Assim, mais adiante, vamos expor a emergência de investir em um processo antropológico à contramão do identificado por Weber, e veremos que as infâncias

---

6 Em Bachelard (2008, p. 1), “a imagem poética é um súbito realce do psiquismo”, ela “não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso. A imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio” (2008, p.2). Ela surge numa consciência individual e é essencialmente variacional (Ibid., p.3). É “ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. Aqui a expressão cria o ser” (Ibid., p.8). “A imagem poética atiza memórias da infância, cheiros, sabores, toques. Uma vez que essa sensação é despertada, essas lembranças podem ser concluídas de outras formas, reconstruídas, redescobrimo imagens passadas” (EUSTÁQUIO, 2015, p. 126).

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

possuem um papel não apenas estratégico, mas imprescindível para o reencantamento do mundo<sup>7</sup>, para uma existência mais poetizada e humanizada.

### AS INFÂNCIAS POÉTICAS QUE DESAGUARAM EM MIM

Não quero amigos adultos nem chatos. Quero-os metade infância e outra metade velhice! Crianças, para que não esqueçam o valor do vento no rosto; e velhos, para que nunca tenham pressa.

Oscar Wilde

A escola onírica praticada nas orientações coletivas me proporcionou a emergência de muitas imagens poéticas voltadas à infância – sonhada, imaginada, lembrada e (re)criada –, assim, não poderia deixar de, ainda que sucintamente, descrever algumas ressonâncias e repercussões dos trabalhos orientados em nosso grupo. Antes, é mister destacar os termos bachelardianos “ressonância” e “repercussão”, muito caros de agora em diante neste texto, que dizem respeito a uma relação implícita entre o emissor da imagem e seu “meditador”: “a propósito disso, na epifania da imagem poética bachelardiana, artista e leitor se dialogizam duplamente” (GOMES, 2010, p. 86)<sup>8</sup>.

Na ressonância interagimos com as imagens produzidas pelo emissor sem grande adesão, pretensão ou filiação; na repercussão, compartilhamos de um subjetivo sabor de criação, sentimos que somos também compositores, tamanha é a confluência

---

7 Mundo aqui também é uma categoria muito plástica. Ora falaremos do planeta; ora, enquanto realidade cognoscível; por vezes, a compreensão do mundo designará o entendimento de fenômenos inteligíveis; outras vezes, de uma dimensão cósmica, ou mesmo algo que age no ser em devaneio poético; e até, como mundo ocidental afetado pela racionalização moderna. Assim, advertimos ao leitor para que, atento aos contextos da palavra, não simplifique nem uniformize o entendimento, pois o mundo aqui é conceito e imagem (poética).

8 Gomes, na esteira de Bachelard, nos fala: “[...] a imagem poética não se traduz pelo que aparece à nossa percepção. Por um lado, ela é processo e resultado da imaginação do sujeito criador e de seu trabalho demiúrgico sobre as matérias de seu devaneio [...]. Por outro lado, ela é também processo e resultado de uma fruição estética do leitor, estética cocriadora de sua poesia” (2013a, p.192).

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

entre a imagem poética e seu devaneador. Compartilhamos do sentimento de autoria muitas vezes, criando imagens completamente novas (BACHELARD, 2008).

Compartilho a ideia de Silva (2008, p. 10)<sup>9</sup>, quando fala:

Encanto-me que a ideia de escrever e ler são rituais mágicos. Inicialmente, quem escreve transubstancia sua carne e seu sangue em palavras. Posteriormente, quem lê transforma as palavras lidas em sua própria carne e seu próprio sangue. Um ritual antropofágico. O escritor se oferece para ser comida, isto é, apropriado pelo corpo do leitor. Escrever e ler, portanto, são um ritual eucarístico: comer a carne e beber o sangue. O produto dessa refeição irá circular no corpo daquele que se propõe a ler.

As leituras feitas na nossa escola sonhada, com muito esmero, a propósito, repercutiram em mim. Tornaram-se mais do que minhas (também), se tornaram “eu”. Mais que a escrita morta, fecundaram-se em vida (nova) e foram muito além das palavras ditas.

Fernando Pessoa fala através de seu heterônimo Alberto Caeiro, ou o Alberto Caeiro vivente em Pessoa escreve:

“Olá, guardador de rebanhos,  
Aí à beira da estrada,  
Que te diz o vento que passa?”

“Que é vento, e que passa,  
E que já passou antes,  
E que passará depois.  
E a ti o que te diz?”

“Muita cousa mais do que isso.  
Fala-me de muitas outras cousas.  
De memórias e de saudades  
E de cousas que nunca foram.”

---

9 Anaxuell Fernando Silva foi membro do PPGCS/UFRN e participou do grupo de orientandos da professora Ana Laudelina nos anos de 2007 e 2008.

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

“Nunca ouviste passar o vento.

O vento só fala do vento.

O que lhe ouviste foi mentira,

E a mentira está em ti.”

(CAEIRO, 2001)

Ao contrário da percepção limitada do que pensa “o guardador de rebanhos” de Caeiro, o que está em mim não é a minha mentira, mas minha verdade. Concepções mais desencantadas do mundo também se fundamentariam apenas na experiência empírica e indução que submeteriam ao vento. Não é só o guardador de rebanhos que se limita à realidade, muitas vezes os guardadores doutos das letras também.

As leituras antropofágicas na escola onírica me falaram de ciência e sabedoria, mas também de memória, de saudades e de “coisas que nunca foram” (devaneios irreais que encontravam na minha consciência acolhimento). Enfim, sigo contando e “(in)ventando” esse relato na busca de revelar fragmentos que ajudaram a suscitar e alimentar minha infância onírica. Assim, parto ao encontro de outras infâncias oníricas apresentadas em estudos na nossa escola sonhada. Todavia, deixo como advertência que a única infância onírica que poderei encontrar é a minha própria, por isso o comentário dos trabalhos são sempre uma releitura e nunca uma pretensa síntese.

Não caberia enumerar e comentar todos os trabalhos de todos os colegas do grupo. Minha escolha se fez por um critério exclusivo de afinidade temática (infância onírica dentre os trabalhos que li). Porém, certamente as demais leituras suscitaram em mim muitos devaneios, contribuições e aprendizagens. Ressalto que Alecrides, Analis, Danielle, Genison, Genilson, Karla, Isabel, Marcelo e Míriam<sup>10</sup> também estão tão vivos nas obras sucintamente comentadas quanto na minha escrita, pois participaram do mesmo ritual “antropofágico e eucarístico” (SILVA, 2008) do grupo, e de retorno contribuíram com suas palavras transsubstanciadas da sua própria carne e sangue.

---

10 Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de Senna (2012); Analis Lourdes da Costa (no prelo); Danielle de Medeiros Sousa (2016); Genison Costa de Medeiros (2015); Genilson de Azevedo (2013); Karla Danielle da Silva Souza (2017); Isabel Cristine Machado de Carvalho (no prelo); Marcelo Silva de Andrade (no prelo); e Míriam Flávia Medeiros de Araújo (2017). Além dos colegas autores dos quais faço uma releitura neste estudo: Ana Laudelina Ferreira Gomes (2013b); Daniella Lago Alves Batista de Oliveira Eustáquio (2015); Evaneide Maria de Melo (2012); Michelle Ferret Badiali (2016); Ozaías Antônio Batista (2015).

### A POETISA DE INFÂNCIAS E A FUGA DO ASILO

Michelle Ferret Badiali, em *Por uma poética na velhice asilar: escrevendo casas oníricas* (2016), trata de temas cada vez mais importantes na ordem do dia de nossa sociedade, dentre os quais a velhice, a morte e a condição asilar – temas cheios de tabus, preconceitos e invisibilização. Conta Badiali (Ibid., p. 48) sobre as senhoras em situação asilar colaboradoras de sua pesquisa:

Quando elas começam a contar suas histórias, desde a infância até chegar ao Lar, a vida transformou-se completamente e o próprio asilo é a representação desse deslocamento. Um universo paralelo, completamente novo e desconhecido de todas as referências anteriores de vida.

Engenhosa e poeta que é, em meio a histórias de abandono, tristeza e ilusões, ela, por meio de oficinas oníricas de poesia (algumas inspiradas nos quatro elementos arquetípicos junguianos estudados por Bachelard, outras no espaço poético suscitado na fenomenologia da imaginação bachelardiana), permitiu a um pequeno grupo de senhoras que transcendessem a realidade e encontrassem em seus devaneios a tão sonhada fuga do asilo. Fugiram provocadas pela poeta/pesquisadora e mediadora das oficinas e diálogos, pela poesia suscitada como passaporte ao devaneio, pelas memórias sonhadas das participantes. Foram, portanto, aos locais mais seguros de sua existência: suas casas oníricas. Tornaram-se novamente meninas sonhadoras e retornaram à casa natal. A infância onírica das senhoras foi restituída como potência de vida feliz. Elas acabaram por levar muito mais que lembranças para as oficinas.

No Lar da Vovozinha as entrevistas em profundidade, como foi dito antes, serviram não só para conhecer suas histórias de vida e seus anseios e estabelecer confiança, mas as oficinas tiveram como estímulo elementos importantes citados por cada uma delas. [...] Elza trouxe a poesia “A Casa” de Olavo Bilac que remetia à sua adolescência e seu desejo de permanecer na casa da infância, Janete lembrou da alfazema que sua mãe utilizava e também a banhava antes de dormir, Socorro não trouxe elementos, Dona Rosa trouxe

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

a canção “Roseira” e Francisca lembrou das linhas coloridas de costura (Ibid., p. 70).

E como resultado desse achadouro de sonhos de criança, Badiali (2016, p. 78), citando Bachelard, nos explica:

A infância é certamente maior que a realidade. “É no plano do devaneio e não no plano dos fatos, que a infância permanece em nós viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente, preservamos a poesia do passado” (2012). Para ele, habitar a casa em que nascemos é mais que habitá-la pela lembrança. É viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia.

Michelle Ferret, como é mais conhecida na UFRN, é restauradora de infâncias oníricas. Seu texto, assim como sua intervenção no Lar da Vovozinha, ou como os poemas inspirados nas discussões de orientação, mostra que não há prisões que detenham os sonhos voltados à infância; não há abandono que resista à feliz lembrança sonhada daqueles que nos amaram quando éramos crianças. Badiali (2016) revela em seu texto que a canção e o cheiro de alfazema meditadas podem devolver nosso tempo de acalentados. Que os devaneios poéticos são fios coloridos que tecem com novas linhas a infância (onírica) permanente em nós. E que ela é desperta em nós pela poesia.

## O MENINO DAS LITERATURAS

Ozaías e Genilson são meus colegas mais antigos do grupo de orientandos da professora Ana Laudelina. Estamos juntos, os três, desde o mestrado. Em certa medida, Ozaías Batista, dentre os colegas, foi o que mais me ajudou e ensinou. Sua leitura sempre pontual e sensível e seu rigor acadêmico característico possibilitaram-me muitos aprendizados, algumas discordâncias e uma profunda admiração. Apesar de ele ser mais novo que eu, o sentia como o irmão mais velho do grupo.

Sinto que amadureci academicamente nesses seis anos de trajetória no PPGCS/UFRN (sei que a caminhada ainda é longa), mas Ozaías sempre me pareceu maduro, pronto. Contudo, nos últimos anos vejo uma mudança profunda no meu caro

## INTER-LEGERE

---

### A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

colega. Sem perder seu bom humor, a disciplina e o rigor, ele vem cada vez mais se ameninando. Explico! Batista, como as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) o conhecem, pesquisa desde a monografia personagens infantis em livros da literatura brasileira. Vimos na sua escrita e em sua fala uma infância poética que foi se nutrindo e se tornando cada vez mais bela. O acadêmico pronto deu lugar (também) a um lindo menino sonhador que, ora no engenho, ora no Ateneu, e outras vezes sob a sombra de um pé de laranja-lima, devaneou, trouxe lições dos espaços poéticos (literários) e mostrou que é possível encantar a ciência sem cientificizar a literatura.

No mestrado, Batista estudou *Infância onírica na leitura de “Menino de engenho” e “O ateneu”* (2015), e mostrou que “através da interlocução razão-imaginação podemos reconstruir uma vida que esteja para além do cotidiano prosaico, fazendo do poético uma força propulsora de reinvenção da realidade” (Id., 2016, p. 176), assim como faziam seus meninos literários. Vejamos: “Os meninos não eram sujeitos passivos diante da realidade desfrutada. Ao contrário, reconstruíam o real vivido fazendo uso da imaginação” (Ibid., p. 179).

Lendo a escrita de Batista (2015, 2016), aqueles meninos passaram a também me habitar, e me vi por vezes no engenho, que remontava aspectos interioranos da minha própria história, bem como nos meus ateneus cheios de regras e fugas. Ele conclui (2015, p. 87):

Através das narrativas de *Menino de engenho* e *O ateneu*, ensaiei uma interlocução entre os saberes científico e literário na construção do conhecimento, visando uma interpretação ampliada do homem, da cultura e da sociedade – uma vez que o diálogo entre a ciência e a literatura viabiliza uma leitura que extrapola o campo disciplinar imposto pela racionalidade científica moderna hegemônica.

Penso que através de Sérgio do Ateneu e Carlinhos do engenho Santa Rosa, assim como com Zezé em *Meu pé de laranja-lima*, livro de seu estudo no doutorado (ainda no prelo), Batista mostra que nossa infância onírica, ao invés de dormir com a leitura literária, pode acordar e sair para brincar com os personagens. E no “retorno”,

jamais seremos os mesmos, pois, “quando o sonhador está inteiramente entregue ao devaneio, não há hesitação, simplesmente ele se lança sem titubeio na poeticidade da imagem sonhada” (Id., 2018, p. 99).

### RECORDAÇÕES SONHADAS DA CIGARRA DOS TRÓPICOS

Daniella Eustáquio também foi uma leitura de grande valor para este estudo. Para além do fragmento do seu texto que escolho para trazer sua colaboração para um entendimento (meu) mais amplo do conceito bachelardiano de infância onírica, destaco a didática com que escreve e apresenta suas ideias. Ela, com uma escrita que me traz uma compreensão ampliada de textos lidos, encaixando peças soltas e possibilitando o olhar mais totalizador, desossa as compreensões, permitindo que deguste melhor tanto dos conceitos, quanto das imagens poéticas (literárias) do seu texto.

*Palmyra Wanderley, a cigarra dos trópicos: imaginários culturais e mapa onírico em “Roseira Brava”* (EUSTÁQUIO, 2015) é um estudo que não se resume à compreensão do imaginário sociocultural em que a poeta e escritora potiguar Palmyra Wanderley estava inserida. Além disso, é um relevante estudo bachelardiano que lê as imagens (poéticas) literárias da autora, fazendo/sonhando os lugares poéticos da cidade de Natal que Palmyra reescrevia em poema.

Pode-se dizer que a obra “Roseira Brava” nos permite ter outras leituras, além daquelas já estudadas. É um livro que trata de um espaço emocional dentro dos espaços geográficos dos bairros de Natal, como também permite ao seu leitor acessar a infância sonhada. Através dos espaços vividos pela poetisa que me consentiram reviver a imaginação, renovando os meus sonhos, criados dentro de mim; ou, poderão ser concedidos ao seu próximo leitor, espaços que tragam a infância feliz, proteção e segurança. Para isso, deixei-me ser invadida pela obra para perceber essa leitura, tomar consciência do quanto que, a partir da criação poética, consegue-se ver o mundo por outra perspectiva (Ibid., p. 129).

A autora nos conduz entre as lembranças poetizadas e sonhadas de Palmyra, provocando à nossa própria infância onírica a ser (re)sonhada e (re)vivida. Diz ela:

## INTER-LEGERE

---

### A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

“Basta relembrar os sabores ou o(s) lugar(es) onde se passou a infância para despertar um sentimento melancólico. Quão doces foram as memórias deixadas lá no passado, como também o quanto é amargo vivê-las apenas pelas recordações” (Ibid., p. 124). Com a provocação feita, tem como a memória não nos transportar para esses lugares? Vejamos o poema de Palmyra Wanderley, “Castelinhos, na areia da Praia do Meio”, e em seguida um breve comentário de Eustáquio (2015):

Castelinhos na areia,  
Na beira da praia.  
[...]  
Coisas de meninice,  
Que a gente faz e não cansa...  
E agora outra vez,  
Como se fosse criança. (WANDERLEY, 1965, p. 48 apud EUSTÁQUIO, 2015, p. 124).

“E agora outra vez, / Como se fosse criança” remete-se a uma memória que sempre continuou na lembrança, ou melhor, “que sempre esteve presente comigo” (Ibid., p. 124).

A dissertação dessa autora traz uma forte lição de infância onírica, das quais tento levar para o meu texto, de que essas infâncias sonhadas possuem uma comunicação. O poema que fala da infância da autora é o mesmo que me despe, revelando minha intimidade, mas é uma intimidade tão ingênua e bela que me traz felicidade e não me envergonha. Essa memória sonhada pela poesia não pertence apenas à infância onírica da autora; ela habita a intimidade de quem a lê em devaneio poético. E isso fica muito nítido na leitura/escrita de Eustáquio (2015).

### ALEGRIAS AMANSADORAS DE TRISTEZAS

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

O exercício de orientação é também um trabalho de lapidação<sup>11</sup>. Primeiro se enxerga numa pessoa (assim como o lapidador vê numa rocha) uma preciosidade que nem sempre é pública, mas reconhecida pelo seu olhar sensível. Depois investe, provoca, desafia, excita, para que a beleza interior, que só alguns sabem que existe, seja publicamente reconhecida. Por fim, pedra e orientando conseguem emanar beleza e competência próprias. A (lapidação) de orientação é, portanto, um generoso trabalho de dar brilho (luz) ao outro.

A professora Ana Laudelina, além do competente trabalho com seus orientandos, também lançou luz à poeta norte-rio-grandenseoitocentista de Macaíba, Auta de Souza. Em tese intitulada *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética* (2013b), Gomes consegue trazer ao público facetas pouco reconhecidas da poeta potiguar, superando a ideia de que Auta de Souza era apenas ligada “a um ideário de santidade cristã e de sofrimento que foi formulada e perpassada por muitos intelectuais e que ainda hoje é recorrente no imaginário social do Rio Grande do Norte” (FARIAS, 2013, p. 28).

Diz Gomes (2013b, p. 289): “Com raras exceções, a poeta é registrada pelos comentadores como emblema de uma feminilidade romântica associada à angelitude e à santidade da mulher cristã”. Na esteira de Farias (2013, p. 28), também estudioso da poeta, concordamos que, em relação a tese de Gomes:

Acreditamos que o seu trabalho figura enquanto divisor de águas, uma vez que traz um estudo sobre Auta que inova em diferentes aspectos. Nele, mostra uma Auta humanizada e que teve que romper com diferentes amarras sociais para poder aparecer no seletto espaço da literatura oitocentista.

Portanto, Gomes (2013b) lapida facetas da Auta de Souza ainda hegemonicamente obscurecidas, evidenciando belezas e forças (sociopolíticas) que deixam nossa poeta potiguar ainda mais bela e valorosa. Diante disso, me detenho a um fragmento do texto de Gomes que dialoga com o universo infantil aqui estudado. Apesar do tom muitas vezes melancólico imposto socialmente por convenção à

---

11 Aqui, refiro-me à lapidação não como potência de agressão, mas como efeito de refinar, polir e aperfeiçoar.

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

personagem Auta, Gomes traz uma infância libertadora para a poeta, assim como na infância onírica, onde o devaneio não conhece os limites do sofrimento. Por isso, na meditação da leitura de Gomes(2013b, p. 274):

As esperanças se clarificam porque as crianças amansam a tristeza, as trevas e a fraqueza. Como as rosas, mostram a beleza e a efemeridade da vida, proporcionando um bálsamo à morte. Um coração feliz é um coração inocente como o de uma criança.

A infância onírica da poeta amansa sua tristeza e reencanta seus sonhos por imagens na pena do poeta:

Ah! fora Ela que as fizera/ Com a graça de seu sorriso,/ Num dia de Primavera,/ Na glória do Paraíso!// E seus olhos procuraram/ Algum oculto tesouro: / “Para as flores, que faria?”/ Quando do Céu a chamaram/ Os Anjos todos, em coro:/ “Maria!” // Ia partir... Que lembrança/ Podia deixar no campo?/ Dera o sorriso à criança,/ Estrelas ao pirilampo!/ Nos meigos olhos perpassa/ Não sei que lampejo doce.../ E a Virgem, cheia de graça,/ Do mundo triste evolou-se.// Mas, Ela, que dera o encanto/ Do riso sagrado à infância,/ Da dobra azul de seu manto/ Deixou cair a fragrância.// Desde esse dia, na terra,/ As flores sabem falar.../ A voz da flor é a ambrosia/ Que tanta doçura encerra/ Quando murmura ao luar:/ “Maria!” (SOUZA apudGOMES, 2013b, p. 279-280).

Gomes (Ibid., p. 280) continua: “o encanto no riso da criança é sagrado porque é feliz, porque é livre. Restitui a felicidade simples de fazer com que reencontremos o potencial permanente de alegria e liberdade, que foram imaginadas pelos devaneios de infância”. A autora descasca coberturas fossilizadas de reducionismos sobre Auta e encontra manifestações de sua infância onírica citando Bachelard, que conclui: “a infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar”. (BACHELARD, 1988, p. 118-119 apudGOMES, 2013b, p. 280).

O que tomamos como herança e inspiração da infância onírica percebida e suscitada por Gomes (2013b) é a qualidade de amansadora das tristezas tão comuns na

---

## INTER-LEGERE

---

### A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

labuta da vida. Também sua potência de liberdade que nos captura, e a tão necessária vontade/coragem de recomeço.

### BRINQUEDOS E FLORES, RETRATOS DO SERTÃO

A tese da colega e autora Evaneide Maria de Melo, *Álbuns fotográficos de/por Enoque Neves: uma poética visual* (2012), dentre todas, foi a última a ser lida e a única cuja tessitura não acompanhei diretamente. Todavia, isso não diminui seu valor, pois me ajudou a confirmar resultados obtidos nos campos de minha pesquisa.

Portanto, não houve uma lição de infância onírica que “comunguei” e trouxe para minha tese (por ter um caráter diferenciado, guardei este relato para o final), mas confluência de imagens poéticas suscitadas em Melo, por meio da fotografia de Enoque Neves, e emergidas em mim por meio dos devaneios poéticos suscitados do(s) meu(s) campo(s) de pesquisa.

Melo (Ibid.), ao estudar o acervo fotográfico de Enoque Neves, com mais de cinquenta mil fotografias, indica a predileção do artista pela temática infantil. A autora nos conta que é possível uma análise pelo viés mitológico da associação da infância com a imagem mitológica do *putto*, que simbolizava, além do cupido, ou anjinho, um Eros nu, em oposição à moral judaico-cristã. Ou mesmo a relação entre as imagens produzidas pelo fotógrafo com crianças no colo materno, associando-as em sua reflexão/devaneio imagético, a imagem também mitológica da madona com a criança no colo.

Apesar da grande valia de sua análise e texto, não é sob esse ponto que pretendo dialogar, mas sobre as imagens poéticas das crianças com flores e em ambientes que valorizam o clima paisagístico dos jardins, além de destacar as práticas culturais do universo infantil, dentre elas o brinquedo e a brincadeira.

O sertão caicoense (como de outros municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba, por onde fotografou Enoque Neves) é força ambivalente. É o mesmo da seca e fartura (quando chove), da carne de sol afamada e das rendas prestigiadas, idêntico ao do desabastecimento e da sequidão do Açude Itans em 2017, da profunda alegria e

## INTER-LEGERE

---

### A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

resiliência, da fé como âmbito sagrado do culto à Santana e do festejo profano relacionado ao mesmo culto.

“Sem água, o que se tem nos sertões é uma dor coletiva que entristece os viventes, que paralisa a alegria sertaneja, que ameaça o homem e destrói os bichos, impera ossos de areia [...]” (Ibid., p. 147). Mas, na fartura, “a água do sertão é doce, saborosa porque decanta no leito dos açudes. Uma água sagrada, utilitária a tudo” (Ibid., p. 145). A cacimba, nos sertões, é fraterna companheira, providência para abastecer sonhos, esperanças e vida. Para irrigar alegrias infantis que sonham o açude transbordando.

Bachelard (2009) liga a infância ao poço do ser (veremos isso melhor no capítulo destinado à pesquisa do campo onírico). Melo (2012) identifica no registro estético e artístico de Enoque uma infância que florescia, hidratada pelo devaneio de suas lentes. Nessa pesquisa, também chegamos a essa infância que floresce por meio do onirismo, que pode ser cultivada como os jardins são lavrados.

Isso me provoca a pensar na ideia de Bachelard (2009), que defendia uma comunicabilidade entre as infâncias. Será que somos em maior ou menor grau hidratados por um mesmo lençol freático onírico que liga a minha cacimba ao poço de Enoque encontrado por Evaneide? A fala de Melo (2012, p. 214) poderia também falar do meu estudo: “no conjunto da obra ficou patente a associação da imagem da infância a temas florais, como jardins”.

Para além das flores, poços e jardins, as brincadeiras e narrativas também possuem o importante papel de animar as imagens poéticas da nossa infância onírica, sendo potências de criação imaginária, inclusive fabricando brinquedos e histórias. Melo (Ibid., p. 237) lembra: “muitos brinquedos eram feitos de madeira, sucata, pano, pedra; de outro modo, as histórias das princesas de terras distantes, numa mistura de personagens narrados pelos contadores de histórias que frequentavam a casa de meus pais” e completa: “As histórias contadas pelos mais velhos serviam como fertilizante de imaginação”.

Fecho a narrativa desses importantes depoimentos na tessitura deste estudo ressaltando a relevância dos brinquedos que ativam nossa infância onírica. Portanto, concluo citando Melo (Ibid., p. 239):

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

O brinquedo é um corpo de expressões que rompe e transcende o real, comunicando imagens da infância. À maneira bachelardiana, o mundo dos brinquedos é pura imaginação, ele ativa poderes profundos – um carro de lata atravessa longas estradas; a boneca é amiga, prima irmã; miniaturas suavizantes da desgraça e da miséria, um bálsamo para a reinvenção da vida.

### HÁ UM MOLEQUE

Percorridos os itinerários traçados, sonhados e tecidos neste texto, meditemos na canção “Bola de meia, bola de gude”, de Milton Nascimento (2018, s/p). Uma condensação poética da infância onírica, do menino rei que fui e sou, que sobrevivi alimentado pela poesia que emana de muitas infâncias, lembranças e sonhos.

Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito  
Que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito  
Caráter, bondade, alegria e amor  
Pois não posso  
Não devo  
Não quero  
Viver como toda essa gente  
Insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado

# INTER-LEGERE

---

## A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA Rodrigo Viana Sales

Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude

O solidário não quer solidão

Toda vez que a tristeza me alcança

O menino me dá a mão

Há um menino

Há um moleque

Morando sempre no meu coração

Toda vez que o adulto fraqueja

Ele vem pra me dar a mão

Que esse menino peralta que me fala coisas bonitas e me dá a mão para juntos enfrentarmos e desfrutarmos da vida, que não naturaliza patifarias, e que supera as tristezas com brincadeiras que poetizam a vida também seja encontrado no leitor e encante seus sonhos despertos. Que a infância onírica bachelardiana encontrada na letra de Milton Nascimento ache morada nos corações, dando-nos a mão para seguirmos em frente. Por fim, desejo ao leitor que também (re)encontre sua infância onírica. Passeie (re)sonhando pelas lembranças, criando novos desfechos e devaneando com as imagens poéticas que nutriram e nutrem sua infância onírica como potência de vida.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.

\_\_\_\_\_. O Itinerário do pensamento de Edgar Morin. Palestra no Ciclo de Estudos sobre “O Método” de Edgar Morin. São Leopoldo, 14 abr. 2014. Disponível em: <goo.gl/8w8kNx>. Acesso em: 12 jan. 2013.

ALVES, Rubem. A casa que educa: as lições que se aprendem “construindo”. **Educação**, [S.l.], 10 set. 2011. Disponível em: <goo.gl/d3C6uA>. Acesso em: 17 mar. 2015. Não paginado.

## INTER-LEGERE

---

### A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

ARAÚJO, Míriam Flávia Medeiros de. **Dalcy da Silva Cruz**: itinerário intelectual e resistência. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Paula Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BADIALI, Michelle Ferret. **Por uma poética na velhice asilar**: escrevendo casas oníricas. 2016. 139 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BATISTA, Ozaías Antônio. **Infância onírica na leitura de “Menino de Engenho” e “O Atheneu”**. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

\_\_\_\_\_. O prosaico e poético no Engenho e no Ateneu. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira; BRITO, Sílvia Barbalho (Orgs.). **Festins de seda**: o Festival Mythos-Logos do Imaginário e outra inventices de inspiração bachelardiana . Natal: EDUFRN, 2016. p. 171-198.

\_\_\_\_\_. **Sonhos entre as páginas do meu pé de laranja lima**: imaginação e devaneio poético voltado à infância. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. (no prelo)

CAEIRO, Alberto. Poema X. In: **O guardador de rebanhos**. 2001. Disponível em: <[arquivopessoa.net/textos/3507](http://arquivopessoa.net/textos/3507)>. Acesso em: 22 dez. 2017.

# INTER-LEGERE

---

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

EUSTÁQUIO, Daniella Lago Alves Batista de Oliveira. **Palmyra Wanderley, a Cigarra dos Trópicos: imaginários culturais e mapa onírico em “Roseira Brava”** (1965). 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FARIAS, Genilson de Azevedo. **Auta de Souza, a poeta de pele clara, um moreno doce: memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte.** 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Gaston Bachelard: ciência e poesia no embate homem-mundo. In: SANT'ANNA, Catarina. **Para ler Gaston Bachelard: ciência e arte.** 1. ed. Salvador: Edufba, 2010. (p.81 – 88)

\_\_\_\_\_. (Org.). **A flor e a letra: poéticas e lições de imagens.** Natal: EDUFRN, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Auta de Souza: a noiva do verso.** Natal: EDUFRN, 2013b. 382 p.

\_\_\_\_\_. **A religião dos saberes no rio do imaginário e da imaginação simbólica.**

Ana Laudelina Ferreira Gomes e Norma MissaeTakeuti (Organizadoras). IN: Cronos: R. Pós-Grad. Ciências Sociais. UFRN, Natal, v. 17, n.1, jan./jun. 2016a, ISSN 1982-5560. (p.107 – 117)

# INTER-LEGERE

---

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

\_\_\_\_\_. **Materialismo racional e materialismo imaginário.** In: O Festival Mythos-Logos do Imaginário e outra inventices de inspiração bachelardiana / Ana Laudelina Ferreira Gomes e Sílvia Barbalho Brito (Org.). – Natal, RN: EDUFRN, 2016b. (p. 239 – 261)

\_\_\_\_\_. **A educação do homem das 24 horas.** In: O Festival Mythos-Logos do Imaginário e outra inventices de inspiração bachelardiana / Ana Laudelina Ferreira Gomes e Sílvia Barbalho Brito (Org.). – Natal, RN: EDUFRN, 2016c. (p. 263 - 271)

MEDEIROS, Genison Costa de. **Imaginários da morte:** poética das imagens em cemitérios brasileiros. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MELO, Evaneide Maria de. **Álbuns fotográficos de/por Enoque Neves:** uma poética visual. 2012. 176 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MORAES, Vinicius de. A casa. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>>. Acesso em 14 jul. 2018. Não Paginado.

MORIN, Edgar. **Meus demônios.** Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2005.

\_\_\_\_\_. **O método 3:** o conhecimento do conhecimento. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **Amor poesia sabedoria.** Tradução de Edgard de Assis Carvalho. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

# INTER-LEGERE

---

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

MONTENEGRO, Oswaldo. Travessuras. Intérprete: Oswaldo Montenegro. In. \_\_\_\_\_.  
**Oswaldo Montenegro**. [S.l.]: Som Livre, 1990. Disponível em: <goo.gl/Umw5sS>.  
Acesso em: 17 out. 2017.

NASCIMENTO, Milton. **Bola de meia, Bola de gude**. Disponível em:  
<<https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/102443/>> Acesso em: 29 Jan. De 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do  
conceito em Max Weber. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia  
FFLCH-USP; Editora 34, 2013.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. **Por uma filosofia do espanto imaginário**:  
uma tentativa de reconstrução através das imagens poéticas da formação do filósofo  
sonhador numa perspectiva bachelardiana. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia) –  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São  
Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Filosofia onírica de Gaston Bachelard em mundos desencantados e tempos  
sombrios. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 13, n. 1, p. 67-82, 2008.

\_\_\_\_\_. A experiência aprendiz das imagens. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira  
(Org.). **A flor e a letra**: poéticas e lições de imagens. Natal: EDUFRN, 2013. (p. 171 -  
190)

SENNA, Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de. **Diálogos com o homem  
imaginário**: pensando o uso de imagens no ensino de sociologia. 2012. 91 f.  
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVA, Anaxuell Fernando da. **A religiosidade em Pessoa**. 2008. 115 f. Dissertação  
(Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

## INTER-LEGERE

---

A INFÂNCIA ONÍRICA BACHELARDIANA

Rodrigo Viana Sales

SOUSA, Danielle de Medeiros. **O grito do silêncio na obra de Ercília Nogueira Cobra: de mulher demoníaca a feminista pioneira**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SOUZA, Karla Danielle da Silva. **Licenciatura em ciências sociais e prática docente de sociologia no ensino médio: um estudo sobre a efetividade da formação na UFRN**. 2017. 218 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília, DF: UnB, 2009. 1 v.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Imaginário e racionalidade: uma leitura da criatividade geral. In: BULCÃO, Marly (Org.). **Bachelard: razão e imaginação**. Feira de Santana: UEFS/NEF, 2005. (p. 39 -53).